

# Um expoente europeu da literatura deste século

Quando Fernando Pessoa morreu, faz hoje precisamente cinquenta anos, os jornais da época dedicaram ao facto uma discreta notícia a uma coluna. Hoje, no aniversário quinquagésimo da morte do poeta, os jornais multiplicam-se em referências, a Rádio faz programas *non stop* sobre a sua obra e a Televisão dedica espaço razoável à efeméride.

Com propriedade se pode dizer que Pessoa está hoje mais vivo do que há cinquenta anos. Em 1935, ele era estimado, lido e criticado por um círculo restrito de intelectuais; hoje constitui não apenas um ponto de referência, como se converteu num verdadeiro mito, carregado de facetas paradoxais, sugerindo vias para a leitura e digestão das questões fundadas da modernidade. «Como pôde um Poeta que subverteu os fundamentos do nosso moderno lirismo efusivo e sentimental, o nosso coração a tiracolo, o nosso heroísmo de emenda por conta de Camões, a nossa vida toda em diminutivos, ter-se convertido no ídolo que agora tem o seu nome?» — perguntava-se, ainda há dias.

Eduardo Lourenço, num ensaio publicado no *Jornal das Letras*. Como pôde o poeta Pessoa ter-se desdobrado numa tão variegada gama de pessoas poéticas ao ponto de tornarem quase popular a palavra esdrúxula *heteronímia*?

Cabe certamente a comunicação social um importante papel no estabelecimento de uma real comunicação entre os criadores, designadamente literários, e o grande público, especialmente daqueles que, pela sua capacidade de mergulhar nas coordenadas do seu tempo se projectaram, de algum modo, para além do tempo.

Por isso, o JN não podia faltar a este dia especial de encontro com o poeta Pessoa. Por isso preparamos um vasto conjunto de abordagens que, embora não pretendam esgotar uma realidade e uma problemática de si inesgotável, procuram proporcionar uma aproximação à riqueza de Fernando Pessoa.

Quis o acaso que caíssem em 1985 duas efemérides de monta: aquela a que vimos

aludindo e a já celebrada (a 13 de Setembro passado), do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro, acontecimento a que este Jornal dedicou especial atenção.

Esta curiosa coincidência poderia ser assumida como um verdadeiro itinerário de reflexão cultural, que procurasse pôr em diálogo a dimensão universal com a regional e local. Trata-se, sem dúvida, de uma problemática central da nossa actualidade, especialmente num momento em que se perspectiva a inserção de Portugal no espaço europeu.

Esta proposta de reflexão teria, pelo menos, o condão de questionar certo tipo de homogeneidades que tendem, com demasiada frequência, a reduzir, quando não mesmo exterminar, a actualidade das mensagens legadas pelos homenageados. Aí fica, pois, o desafio, no preciso dia em que se evoca a vida e obra de Fernando Pessoa, considerado um dos maiores poetas europeus do nosso século.

MANUEL PINTO

# Fernando Pessoa e o texto jornalístico

Por JOSÉ AUGUSTO SEABRA

«O jornalismo, sendo literatura, dirige-se todavia ao homem imediato e ao dia que passa. Tem a força directa das artes inferiores mas humanas, como o canto e a dança; tem a força de ambiente das artes visuais; tem a força mental da literatura, por de facto ser literatura.»

(FERNANDO PESSOA)

Entre a obra multifacetada de Fernando Pessoa é pouco conhecida, ou apenas evocada como um acidente, senão incidente, biobibliográfico, a sua experiência jornalística, que curiosamente coincidiu com a época agitada da publicação do primeiro número de Orpheu e portanto com um dos momentos culminantes da aventura modernista (1).

Três breves semanas — de 4 a 23 de Abril de 1915 — foi o que durou esse breve parêntese, em que, de certo modo, se esboçou um novo perfil heteronímico. E dizemos esboçou porque, como se sabe, Pessoa estabeleceu, na sua galeria de «figuras», uma gradação subtil, que vai das «personalidades literárias» aos «heterónimos» propriamente ditos, passando pelos «semi-heterónimos», a estes ficando reservada a prosa.

Foi o caso que, envolvido ainda na euforia do impetuoso que o escândalo orfíco estava em vias de provocar na imprensa — lepidóptera — para usar um termo caro a Mário de Sá-Carneiro —, Pessoa se lançou ele mesmo, paradoxalmente, na profissão de jornalista. E foi num periódico intitulado «O Jornal» e fundado por um personagem, Boavida Portugal, a que já estivera ligado através da participação no polémico Inquérito literário do jornal Re-



Fernando Pessoa na pena de João Abel Manta.

pública acerca da existência, ou não, de uma «Renascença» em Portugal, como profetizara na revista A Águia. Quer se tratasse de uma banal necessidade de emprego, ou apenas de uma aposta em mais uma forma de expressão entre tantas que ensaiara, o certo é que o poeta lá foi parar («at nestas vãs, temporariamente» — escrevia ele a Armando Cortes-Rodrigues, em 19 de Abril). O que, ironicamente, ainda lhe roubava tempo, juntamente com o trabalho de correspondência no escritório, — para as mais simples coisas da vida intelectual. (2).

Comecando por uma recensão ao já referido Inquérito do seu agora director, aliás com uma liberdade crítica que era bem livre da sua independência, logo Pessoa se assinalou por uma rubrica — «Crónica da vida que passa» — que iria

manter durante esse efêmero intermezzo de colunista. O título da primeira crónica («Do contrário como terapêutica de libertação») dá-nos perfeita-mente a inserção destes artigos jornalísticos dentro da lógica da coincidência opostoruma que, como noutros estudos mostrámos, constitui a trama da linguagem poética pessoana. Partindo do pressuposto de que a «política», a «região» e a «vida social» são apenas «graus inferiores e plebeus da estética», Pessoa defendia a ideia de que só as pessoas superficiais não mudam de opinião: «uma criatura de nervos modernos, de inteligência sem cordões, de sensibilidade acordada, tem a obrigação cerebral de mudar de opinião e de certeza várias vezes no mesmo dia» (3). Estranha concepção de um jornalista, a de que a «sinceridade» e a «coerência» são «preconceitos»!

Demasiado comprometido, por esses dias, nas sequelas de Orpheu, Pessoa não pôde resistir a fazer de «O Jornal», discretamente embora, uma espécie de cavalo de Tróia, consagrando, a 6 de Abril, uma «crónica literária» à revista em que punha todo o seu empenhamento. Começava, sub-reptivamente, por desculpá-lo de ser parte suspeita: «Como se dá o caso de sermos colaborador

permissão, segundo método idêntico ao que tinha usado nos seus ensaios sobre a «Nova Poesia Portuguesa», publicados na A Águia. Como os seus heterónimos, Pessoa serve-se sempre de um modelo de referência até para lançar, na ocorrência histórica, a geração de que era o porta-voz.

Outras preocupações suas vinham repercutir-se, porém, nesta «Crónica» de uma «Vida» que passava demasiado depressa para deixar de solicitar, uma atrás da outra, as multimodas frescas da sua verve jornalística. Agora era a confessada vocação patriótica que o fazia alvejar acerbamente uma doença nacional, a «Doença da disciplina», em termos que assumiam um significado político-pedagógico salutar e ainda de uma grande actualidade. Comparando-nos aos alemães, por fazermos da disciplina social — um sistema de Estado e de governo», Pessoa traçava uma ra-

diografia da nossa mentalidade submissa e gregária: «Tão regular, regular e organizada é a vida social portuguesa que mais parece que somos um exército do que uma nação com existência individuais. Nunca um português tem uma acção sua, quebrando com o meio, virando as costas aos vizinhos. Age sempre em grupo, sente sempre em grupo, pensa sempre em grupo. Está sempre à espera dos outros para tudo» (4). Dai que ele esculpelizasse a República, por não ter sabido romper com o que, noutro texto, chama o «preconceito contista da Ordem», também típico, de resto, dos «neomonárquicos». Na verdade, «incapazes de revolta e de agitação» — ironiza Pessoa —, «quando fizemos uma «revolução» foi para implantar uma coisa igual ao que já estava» (5).

Qual a terapêutica para esta doença? Uma só: a «indisciplinada», que o poeta arvorou em tratamento ao menos — nós, os novos — por perturbar os almas, por desorientar os espíritos. Cultivemos, em nós próprios, a desintegração como uma flor de preço. Construíamos uma anarquia portuguesa» (6). Repare-se no oxímoro: para Pessoa a anarquia pode ser sinónimo de construção — e por que não da verdadeira ordem, como insinua alhures? Se é sedutora a hipótese de Joel Serrão, ao aproximar Orpheu da «maré alta do anarquismo» (7), importa porém ter em conta que a anarquia pessoana pouco tem a ver com a dos nossos anarco-sindicalistas: na sua galeria de ficções figura, não o esqueçamos, um «anarquista banqueiro»...

Como poderia o leitor comum de «O Jornal» aperceber-se desta lógica da contradição, em que Pessoa ia, de crónica para crónica, reinclinando? Seria por certo com perplexidade, sendo com gáudio, que o público leria as suas considerações acerca da «Deficiência de imaginação das imaginações excessivas», com que a «idiossincrasia dos portugueses era caracterizada. Falta-lhes, é claro, a exemplo de Alvaro de Campos, ser «educados pela imaginação», mas por uma imaginação que os educasse para a civilização e para a vida, como dizia Pessoa.

Já mais perturbado devia entretanto ficar o leitor menos imaginativo com um tratamento de um tema tal — «A traição como questão filosófica», em que Pessoa ia ao ponto de considerar o traidor como alguém que não pode ser condenado, enquanto sujeito de uma opinião filosófica-individualista, contrária a «opinião comum» (a Doxa, dos gregos), que é «solidarista» por definição.

Não estaria Pessoa a brincar com coisas demasiado sérias para sofrerem paradoxos? Mas ele não se ficou por aí. Na crónica subsequente irritaria a política, que muito devota ficava sem emprego... Mas ficou, também, ao que parece, com o gosto das intervenções públicas sibilinas, que lhe trariam outros dissabores, sempre por ele recebidos com um sorriso irónico (8).

Essa irritação foi crescendo, à medida que, temerariamente, Pessoa passou das questões «néricas ao terreno moedico da política, num periódico que pretendia ser moderado e «independente», para melhor agradar a gregos e a troianos, isto é, a republicanos e a monárquicos. Usualmente tão pouco complacente para com aqueles — não se esqueça o queiroso com Afonso Costa, por causa de uma boutade futurista, que lhe ia valendo as fúrias da Carbonária —, eis o poeta a

Na verdade, o jornalismo aparece como uma modalidade arquitectural de manifestação do heteronímico pessoano. A sua ruptura está ligada, como não podia deixar de ser, ao curso de modernidade gráfica que as vanguardas cubista e futurista exploraram como formas de expressão plástica e poética. Lembremo-nos da inserção, nas colagens de um *Brasão* ou de um *Picasso*, de «cortes de jornais» (9), bem como da exaltação da «revolução tipográfica» por Marinetti (10). Entre nós, Mário de Sá-Carneiro, em *Manuscrito* incluído em Orpheu 2, não hesitou em «colar» no poema títulos de jornais em várias linhas,

com um «Hurrah! por vós, empresas jornalísticas!», fazendo da leitura do *Matin*, no mesmo poema e em *Serra-dura*, inserto em Orpheu 3, um dos ingredientes da sua mitologia parisiense.

Não admira que fosse Alvaro de Campos, da *Águia*, o heterónimo mais próximo do futurismo, que Pessoa investiu o seu entusiasmo jornalístico, ao ritmo de uma pulsão erótica:

«Notícias desmentidas nos jornais, / Arragos políticos insinceramente sinceros, / Inicialmente passez-à-l-caisse, grandes crimes — / Duas colunas deles passando para a segunda página! / O cheiro fresco a tinta da tipografia! / Os cartões postais há pouco, molhados! / Viés-le-partire amarelos com uma tinta branca! / Como eu vos amo a todos, a todos, / Como eu vos amo de todos os maneiras, / Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto! / E como o tato» (o que palpar-vos representa para mim!) / E com a inteligência como uma antena que fazes vibrar! / Ah, como

quis atacar os monárquicos, o Centro Monárquico e os srs. Integralistas Monárquicos. Contradições do sindicalismo da política, que muito devota ficava sem emprego... Mas ficou, também, ao que parece, com o gosto das intervenções públicas sibilinas, que lhe trariam outros dissabores, sempre por ele recebidos com um sorriso irónico (8).

Para lá do que nelas haja de curioso como aneddotário, as crónicas de «O Jornal» são a prova de que para Pessoa não havia gêneros privilegiados — pois ele os punha juntamente em causa — mas um texto múltiplo em expansão, de escrita em prosa, que não podia decorar num poema, numa página de teor estético, numa carta de amor ou num simples artigo jornalístico.

Na verdade, o jornalismo aparece como uma modalidade arquitectural de manifestação do heteronímico pessoano. A sua ruptura está ligada, como não podia deixar de ser, ao curso de modernidade gráfica que as vanguardas cubista e futurista exploraram como formas de expressão plástica e poética. Lembremo-nos da inserção, nas colagens de um *Brasão* ou de um *Picasso*, de «cortes de jornais» (9), bem como da exaltação da «revolução tipográfica» por Marinetti (10). Entre nós, Mário de Sá-Carneiro, em *Manuscrito* incluído em Orpheu 2, não hesitou em «colar» no poema títulos de jornais em várias linhas,

com um «Hurrah! por vós, empresas jornalísticas!», fazendo da leitura do *Matin*, no mesmo poema e em *Serra-dura*, inserto em Orpheu 3, um dos ingredientes da sua mitologia parisiense.

Não admira que fosse Alvaro de Campos, da *Águia*, o heterónimo mais próximo do futurismo, que Pessoa investiu o seu entusiasmo jornalístico, ao ritmo de uma pulsão erótica:

«Notícias desmentidas nos jornais, / Arragos políticos insinceramente sinceros, / Inicialmente passez-à-l-caisse, grandes crimes — / Duas colunas deles passando para a segunda página! / O cheiro fresco a tinta da tipografia! / Os cartões postais há pouco, molhados! / Viés-le-partire amarelos com uma tinta branca! / Como eu vos amo a todos, a todos, / Como eu vos amo de todos os maneiras, / Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto! / E como o tato» (o que palpar-vos representa para mim!) / E com a inteligência como uma antena que fazes vibrar! / Ah, como

(Continua na página seguinte)

# A heteronímia: seriedade e mistificação

Por ARNALDO SARAIVA

Se, no que respeita à génese e significação heteronímica, a posteridade se encarregou de propor teses muito diversas da etnocultural de Mário de Sá-Carneiro — que explicou a heteronímia pela herança cultural judaica de Pessoa —, já no que respeita à importância heteronímica há ou tem havido um grande consenso, o que é visível desde logo no facto de, como lembrou Eduardo Lourenço, se ter desprezado bastante o pré-Pessoa e no facto de quase todos os estudiosos pessoanos se terem debruçado especialmente sobre o fenómeno da heteronímia. No seu esboço de uma bibliografia, José Blanco refere 65 textos que incidem sobre a heteronímia.

E a verdade é que Pessoa seria ainda hoje bem menos conhecido ou apreciado se não tivesse produzido o que chamamos «romance heteronímico», ou se não tivesse deixado apenas as produções dos heterónimos sem os heterónimos. E há quem defenda que deveria ter feito isso, e quem considere por isso, que mais do que uma ficção, o «romance heteronímico» é uma mistificação, um purificação.

Foi esta, por exemplo, a opinião de Mário Saramento, que escreveu: «Estabelecido o significado que a heteronímia tem na sua obra, esqueçamo-la; passemos a considerá-la e a usar os nomes de Alberto Caetano, Alvaro de Campos e Ricardo Reis como meros títulos de obra — no género, por exemplo, do que deu o nome à lírica de João Mimoso de Garrett...».

Outra não foi a opinião de José Régio e, nalguns momentos, de João Gaspar Simões, que chegou a declarar: «Fernando Pessoa não quis ser outra coisa senão isso mesmo: o mistificador... Lá do além de onde ele nos olha, a nossa atitude de investigadores sérios e conscienciosos do seu «drama em gente», deve constituir para ele o mais estúpido motivo de chofa. Caimos na armadilha. Fomos realmente burlados, como foram burlados os seus amigos para quem ele preparou, de peito feito, a grande «palhaçada» dos seus heterónimos.»

E o certo é que, se seríamos tentados a adotar a «grande palhaçada» dos heterónimos pessoanos, quando nos damos conta das contradições de algumas das páginas do «romance heteronímico», de incongruências das datas fictícias ou fictícias da produção heteronímica, de oscilações nas designações do não-ortónimo, da quantidade de outros nomes — cerca de três de cada — que assumiu Pessoa, e talvez até de alguma silêncio, de alguma dissonância, de alguma vontade de mistificação.

No que se refere às contradições, basta dizer que o dia

«minhamente alheias», «personagens» (com o matiz «peticias»), «personalidades», «autor», «executor», «fantasma», «amigo» e até «filho» possivelmente com ironia. Aliás, devemos notar que a primeira vez que Pessoa distingue publicamente entre pseudónimo e heterónimo é só em 1928, numa nota da *Presença*. Em 1925, por exemplo, em carta a Armando Cortes-Rodrigues, que chamava «irmão em pseudo», falava do seu propósito de publicar «pseudonimamente» a obra *Caetano Reis-Campos*.

No que se refere aos nomes próprios clara ou aparentemente heterónimos, eles parecem por vezes arbitrários ou arbitrários — como são também os antropónimos, como regra — não vindo por detrás deles nenhum sentido para lá do da identificação, aliás duvidosa ou equívoca em muitos casos.

Alguns heterónimos parecem consistentes para biografia, embora reduzida a dados essenciais, de produção numerosa que lhes é atribuída, caso dos três primeiros: Caetano, Campos, Reis, outros são quase puro nome, ainda quando o nome próprio se cruza com o comum Jean Sully. Alguns nasceram na infância de Pessoa (Chesler de Gus), outros na maturidade. Alguns são dados como heterónimos, outros como semi-heterónimos (Bernardo Soares), ou nem uma coisa nem outra. Alguns estão vinculados à produção literária, outros a outras actividades, não propriamente literárias, como o charadismo, aliás charadismo ou as palavras cruzadas (A. A. Crosse). Alguns distinguem-se mais ou menos claramente na biografia e no estilo, outros — ou os primeiros nalguns momentos — confundem-se, ou confundem-se e se-

Finalmente, no que respeita aos silêncios intencionais ou à vaidade implícita, lembremos o que escreveu George Rudolf Lind: não nos repugnaria concluir que o poeta manhoso se decidiria, em 1935, a cultivar conscientemente a sua própria lenda, apresentando-se aos amigos como pai involuntário de três personagens poéticas e ocultando, proposadamente, todas as considerações de ordem teórica e programática que haviam precedido o nascimento dela.

Mas todas as objecções à seriedade da aventura heteronímica pessoana podem ser respondidas — ou podem ser esclarecidas — tendo em conta: 1 — A dificuldade de teorizar ou de exprimir pela primeira vez um fenómeno complexo, ainda que, curiosamente, mais comum do que parece. 2 — O inevitável cruzamento e contaminação da verdade e da ficção, ou da mentira, no «romance heteronímico». 3 — As contradições inerentes a qualquer «sistema» que pretenda explicar a totalidade humana, contradições que o «romance heteronímico» pretende justamente figurar e pôr em jogo tenso, de onde sai alguma luminosa unidade ou harmonia. Não se esqueça o que de alguma produção sua disse Caetano: que ela concorda com o que não concorda.

## Porque Fernando Pessoa está vivo

# Iniciativas oficiais não adiantam muito ao conhecimento do poeta

— considerou António Alçada Baptista

Felizmente que Fernando Pessoa está bastante vivo para que as iniciativas estaduais não adiantem muito ao conhecimento da sua obra: este o remate feito por António Alçada Baptista, a propósito da programação desenvolvida pela Comissão Executiva das comemorações do cinquentenário da morte de Fernando Pessoa, da qual assegura a presidência.

«Um passoano, agendado entre hoje e 30 de Novembro de 86, tem como realizações mais espectaculares o Congresso já na próxima semana e a exposição documental sobre o poeta. Mas, segundo Alçada Baptista, o mais importante é ter sido conseguida a microfilmagem de todo o espólio, bem como os trabalhos de edição crítica da obra de Pessoa. Algumas antologias vão ser patrocinadas pela comissão das comemorações, no âmbito da agora Secretaria de Estado da Cultura. «Até agora, em termos de edições — diz António Alçada Baptista —, não nos pudemos substituir aos proprietários dos direitos de autores». O facto de, a partir do primeiro dia de 86, a obra de Fernando Pessoa transitar para o domínio público faz com que o presidente da Comissão Executiva das comemorações preveja uma imediata «explosão editorial, inclusive com grande competição nos preços».

Admire Alçada Baptista que, tal como para outras finalidades culturais idênticas, as verbais de que dispõe a comissão não sejam generosas. Ainda assim, esta procurou «que todas as iniciativas tenham dignidade», e para o seu presidente, «o importante é que o Livro do Desassossego tenha tido muito mais edições em Espanha e que seja um êxito na República Federal da Alemanha». Ao transferir o conhecimento e o reconhecimento do poeta para outras realidades alheias à in-

«as iniciativas estaduais não adiantem muito».

«Ao negar assim qualquer perspectiva inerte quanto ao estilo de comemorações empreendido pela Comissão, Alçada Baptista não concorda, contudo, que a trasladação para os Jerónimos (por iniciativa de deputados) tenha constituído uma manifestação necrófila. Ainda que possa ser interpretada desse modo, «o lugar de Pessoa é mesmo nos Jerónimos e há outras manifestações suficientemente vivas, para toda a gente saber que a obra dele também está viva».

## Actos comemorativos

- O terceiro Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos que vai decorrer de segunda a quinta-feira próximas em Lisboa constituirá talvez uma das iniciativas de maior projecção das comemorações do cinquentenário da morte de Fernando Pessoa. O Congresso contará com a presença de mais de uma centena de especialistas e, na sessão inaugural, com a presença do presidente da República, do ministro da Educação e da secretaria de Estado da Cultura.
- Hoje, pelas 21,30, realiza-se nas instalações da Fundação Eng.º António de Almeida, no Pórtico, uma sessão de homenagem a FP organizada pela revista «Nova Renascença», na qual falará José Augusto Seabra («A glória universal de Fernando Pessoa») e João Alves das Neves («As comemorações pessoanas no Brasil»).
- No próximo dia 5 Dezembro, o presidente da República do Brasil, José Sarney, vai falar sobre FP na TV Globo, no encerramento de um ciclo de conferências que estão a decorrer naquele país. Aliás, no Brasil, o cinquentenário de Pessoa tem tido uma grande profusão de evocações. Enquanto isso, a capital do Estado do Paraná, Curitiba, passa agora a dispor de uma praça com o nome do poeta Fernando Pessoa.
- Por seu turno, a RTP, que hoje dedica mais de uma hora de programação a FP, acaba de concluir na televisão a rotação de um documentário sobre Pessoa com a duração de 52 minutos. O documentário, de Reinaldo Varela, tem como objectivo mostrar como a juventude brasileira gosta do poeta português.
- Também a Universidade Livre se associa ao cinquentenário com um sarau de poesia hoje, às 21 horas, no Teatro Trindade, em Lisboa, em que intervêm Goulart Nogueira, Armando Cortes, Mariana Rey Monteiro e Rosã Lobato de Faria.



Retrato oferecido por Pessoa à sua tia Anica em 1914.

Cinquenta anos depois da morte, Pessoa está mais vivo

Alberto Caeiro
Alvaro de Campos
Ricardo Reis
Bernardo Soares
Fernando Pessoa

E da dispersão nasceram vozes... - a heteronímia pessoana

Por ANA PAULA COUTINHO e GRAÇA MARIA CRUZ

«Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ansias que repudio (...). Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única realidade que não está em nenhuma e está em todas.»

Personalidade repartida, Fernando Pessoa, perante a vida que o angustiava, tenta encontrar a resposta em vozes que ecoavam em si de uma forma intensa. Para ser ele próprio, multiplica-se num universo de escritas, expressando cada uma delas um olhar específico e um modo particular de estar no Mundo. Nasce assim os heterónimos, num dia de Março de 1914, segundo uma carta de Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.

Na criação heteronímica pessoana não se trata de um conjunto de meros pseudónimos. Estes ficam-se apenas pela menção imaginosa de um nome mais ou menos sonoro que pretende esconder a sua personalidade literária. As figuras criadas por Pessoa não são de forma alguma pseudónimos. São antes personalidades literárias que derivam do próprio acto da escrita. Neste caso, os poemas preexistem aos poetas.

Pessoa fala-nos, assim, de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos, personalidades com uma biografia própria e até mesmo um horóscopo. Há ainda o semi-heterónimo Bernardo Soares que por ser tão autobiográfico, não adquire a autonomia dos outros.

FERNANDO PESSOA E O TEXTO JORNALÍSTICO

(Continuado da pág. anterior)

Mas, como sempre, no desenvolvimento do texto, Pessoa, derivando, passa da dimensão literária ao questionamento da dimensão ética do jornalismo. E, comparando-o a um sacerdote religioso, conclui tratar-se, não de um sacerdote em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo.

Restar-nos-ia agora a nós, leitores, interrogar-nos, paradoxalmente, sobre se haveria então, a não ser à maneira de uma fábula, moralidade nos textos jornalísticos de Pessoa. Parafrazenado Barthes, veremos apenas neles, por ironia, a celebração da «moral da forma», que é essencialmente a «escrita», tal qual a definiu no Grau zero.

Campes, nesses dois textos, faz ao mesmo tempo o elogio e a crítica do jornalismo, traçando-lhe as ambições e os limites. Dentro da lógica da contradição complementar, a coexistência da verdade e da mentira, da sinceridade e do fingimento, aparece como a condição da linguagem jornalística, quer informativa quer de opinião: desde as «notícias desmentidas» aos «artigos polícticos insinceramente sinceros», é da «expressão» poética das «sensações» que se trata.

Intertextualmente, as relações entre o jornalismo e a literatura são por Pessoa tratadas num texto em que, dialogicamente, conversa com um jornalista. Assim se delineia a tese de que é pressuposta a antítese — segundo a qual o jornalista tem a «força mental da literatura», pois literatura é. Com esta reserva (mental ainda) — como, porém, o seu fim não é senão ser literatura naquele dia, ou em poucos dias, ou, quando muito, numa breve época ou curta geração, vive perfeita conforme os seus fins» (1).

Dir-se-ia que é uma alusão à sua breve passagem por «O Jornal», na época do Orpheu, até geracionalmente evocada.

Mas, como sempre, no desenvolvimento do texto, Pessoa, derivando, passa da dimensão literária ao questionamento da dimensão ética do jornalismo. E, comparando-o a um sacerdote religioso, conclui tratar-se, não de um sacerdote em sentido moral, pois não há, nem pode haver moral no jornalismo.

Restar-nos-ia agora a nós, leitores, interrogar-nos, paradoxalmente, sobre se haveria então, a não ser à maneira de uma fábula, moralidade nos textos jornalísticos de Pessoa. Parafrazenado Barthes, veremos apenas neles, por ironia, a celebração da «moral da forma», que é essencialmente a «escrita», tal qual a definiu no Grau zero.

Campes, nesses dois textos, faz ao mesmo tempo o elogio e a crítica do jornalismo, traçando-lhe as ambições e os limites. Dentro da lógica da contradição complementar, a coexistência da verdade e da mentira, da sinceridade e do fingimento, aparece como a condição da linguagem jornalística, quer informativa quer de opinião: desde as «notícias desmentidas» aos «artigos polícticos insinceramente sinceros», é da «expressão» poética das «sensações» que se trata.

Intertextualmente, as relações entre o jornalismo e a literatura são por Pessoa tratadas num texto em que, dialogicamente, conversa com um jornalista. Assim se delineia a tese de que é pressuposta a antítese — segundo a qual o jornalista tem a «força mental da literatura», pois literatura é. Com esta reserva (mental ainda) — como, porém, o seu fim não é senão ser literatura naquele dia, ou em poucos dias, ou, quando muito, numa breve época ou curta geração, vive perfeita conforme os seus fins» (1).

Dir-se-ia que é uma alusão à sua breve passagem por «O Jornal», na época do Orpheu, até geracionalmente evocada.

Dir-se-ia que é uma alusão à sua breve passagem por «O Jornal», na época do Orpheu, até geracionalmente evocada.

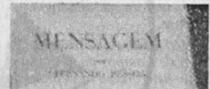


«Orpheu e a cultura oficial», num desenho de Almada.

Pessoa na arte postal



«O poeta é um fingidor» — a frase é conhecida, e mais conhecida é agora, que 187 artistas de vários cantos e recantos do Mundo que já não é «redondo» a descobrirem de um modo original. São os participantes na exposição organizada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Uma exposição de arte postal, precisamente subordinada ao título que o verso pessoano lhe emprestou. Os números, mas também a qualidade e originalidade das participações, dizem tratar-se de um sucesso, e a bem dizer um sucesso duplo: uma forma de evocar Pessoa sem excessivos dispêndios, uma chamada de atenção para a arte postal, que muitos desconhecem, e que definiu um significativo campo de acção a partir da década de 60. Não são só, ou apenas, postais, aquilo que de muitos lugares chegou à AJHLP. Objectos diversos, desde que transportáveis pelo correio, tais como poemas, fotografias, colagens, montagens, etc. A coordenação geral desta exposição foi de Abílio José Santos que juntamente com os vários convites que fez mandou traduções de poemas de Fernando Pessoa. As respostas não se fizeram esperar. A exposição abre hoje, às 11 horas da manhã, na sede da associação, Rua de Rodrigues Sampaio. Bom proveito.



MENSAGEM

Pessoa na ficção da pintura - aspectos de uma iconografia

Por EDUARDO PAZ BARROSO

Fernando Pessoa, poeta dividido e disseminado por várias razões de ser e outros tantos modos de existir, cedo se tornou uma presença excepcional na produção plástica portuguesa.

Relação e comunhão de imaginários inerentes a literatura e à pintura que havia também de inspirar uma iconografia que se quis e desejou acesso a uma reminiscência, o sonho trocado imagens, a vida substituída por ideias, multiplicidades abraçadas sobre a efígie de um Poeta sem vontade para tutelar as suas partes constituintes.

Almada, protagonista do abalo «sismico» que a revista «Orpheu» proporciona a um tempo português introvertido por comodidade e delicado por apatia de costumes culturais, dá um «pontapé de saída», no melhor estilo, e de genica certeza. Hoje o quadro é célebre, o «Retrato de Fernando Pessoa» que pertenceu ao restaurante «Irmãos Unidos» até ao dia em que aquele estabelecimento lisboeta fechou as suas portas. Vendido em leilão por mil e trezentos contos, foi, então, a obra de arte de um pintor vivo

vendida em Portugal por um preço mais elevado. Elevação de mercado mesmo assim muito aquém da «elevação espiritual» que o quadro de Almada Negreiros trazia em si: imagem a corpo inteiro de um Pessoa completo e de objectos/signos satélites (a caneta, a chávena de café, a folha de papel, a mesa, o n.º 2 de Orpheu) que hoje possuem uma infinita força emblemática. Este e outros emblemas vão ser, muito depois, remexidos até às entranhas por outro artista — Costa Pinheiro — que os explorará em êxtase poético como inter-relação com o seu visionário gesto

«Uma superior compreensão» E Almada vê-se impellido a pintar uma cópia do «Retrato de Fernando Pessoa» (onde só um pormenor difere do primitivo, a localização do exemplar de Orpheu na mesa a que Pessoa está sentado) da solicitação da Fundação Gulbenkian.

Não é este o lugar para discorrer mais livremente sobre as implicações da figura — Pessoa no vultu plástico em que ele se tornou para definir um rasto muito seu na realidade plástica portuguesa. Interessa mesmo assim anotar uma compreensão que só Almada Negreiros podia ter do poeta e daquilo que poeticamente havia de ser a presença (mais uma) de Fernando Pessoa num quadro que não era coisa sua, mas que ele ocupou por talentos de entendimento sem paralelo.



Xilografia de Manuel Cabanas.

A obra de Pessoa no domínio público

Cinquentenário provoca uma «explosão editorial»

Por JOSÉ GOMES BANDEIRA

É quase uma «explosão editorial» — por certo, um dos momentos altos na história da publicação do livro em Portugal — o que deverá assinalar a passagem dos 50 anos da morte de Fernando Pessoa e, simultaneamente, por força da legislação em vigor, a queda no domínio público dos direitos de edição da obra do genial poeta da «Mensagem».

De acordo com uma breve «ronda» feita junto de diversas casas editoras portuguesas, pode afirmar-se que neste momento, em diversos pontos do país, milhares e milhares de páginas estão a sair todos os dias das máquinas impressoras e das rotativas das nossas tipografias.

Por outro lado, às reedições e às edições de inéditos com que actualmente se ocupam muitas das nossas editoras, há que acrescentar os estudos e os ensaios, as revistas e os jornais, as notícias e os catálogos, os folhetos e os convites em torno de um sem-número de iniciativas que já começaram a desenhar-se e que se compreende que este-

Coimbra a Oxford e Friburgo. E um pouco desse panorama, destacando a actividade editorial, que aqui registamos. Começando pelo Porto, cidade onde (na revista «A Águia») F. Pessoa se estreou como crítico literário.

• AJHLP (Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto) — edita e apresenta (hoje mesmo) o novo livro do prof. José Augusto Seabra, um dos nossos melhores pessoanos, «A Pátria de Pessoa e a Língua Portuguesa». A AJHLP inaugura também a sua primeira exposição internacional de arte postal, dedicada a Pessoa, com trabalhos (cerca de meio milhão) provenientes de todo o mundo e subordinada ao tema «O poeta é um fingidor». Outra edição da AJHLP será «A socialização da arte em Fernando Pessoa», de Fernando Alvaranga. De referir ainda que no salão desta mesma «Casa dos Jornalistas», do Porto, tem estado

• CLÁSSICA EDITORA — vai editar poesias de heterónimos pessoanos (Alvaro de Campos e Alberto Caeiro) e também a «Mensagem». Para já, uma obra do poeta apresentada por L. Oliveira e Silva.

• EDITORIAL PRESENÇA — tendo acabado de editar «Fernando Pessoa e a filosofia hermética» (estudo de Yvette Tenório), a «Presença» lança em Dezembro uma antologia do poeta, prefaciada e organizada por Maria Alete Galvão, que inclui poemas inéditos.

• DINALIVRO — dentro de dias publicará «O Heterodoxo Pessoa», ensaio do prof. José Augusto Seabra.

• REGRA DO JOGO — na col. Ensaio sairá o livro de Yvette Tenório «Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação» (início do próximo ano). Na mesma col. sairá «Pessoa e Eça», de Beatriz Berrini.

• IMPRENSA NACIONAL — editará, nomeadamente: «Pessoa Mínima», de António Tabuchi; «Fernando Pessoa — Uma fotobiografia», de Maria José Lancastre (reedição); «A poesia de Fernando Pessoa», obra de A. Casais Monteiro apresentada por José Blanco; «O essencial sobre Fernando Pessoa», de Maria José Lancastre; «Homenagem a Fernando Pessoa», de José João Brito; «Fernando Rei da Nossa Baviera», de Eduardo Lourenço; «Uma conversa no Outono de 1935», ilustrações e um texto de A. Tabuchi.

• SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO (SITESE) — de Lisboa, também se junta às comemorações com o livro «Fernando Pessoa, empregado de escritório», de João Rui de Sousa, com lançamento de prestígio (no passado dia 27) no Café Marinho da Arcada.

• ÁTICA EDITORA — esta casa tão ligada ao poeta, também se junta às comemorações com o livro «Fernando Pessoa, empregado de escritório», de João Rui de Sousa, com lançamento de prestígio (no passado dia 27) no Café Marinho da Arcada.

• III CONGRESSO PESSOA-NO — durante este congresso terão lugar duas sessões de lançamento dos livros (já citados) de A. Tabuchi e de Maria José Lancastre.



Um panorama (necessariamente incompleto) da projecção da obra pessoana.

dear uma das maiores movimentações de índole cultural nas últimas décadas da nossa apagada e vil tristeza.

A morte de Fernando Pessoa estava ainda inédita a esmagadora maioria da sua vastíssima produção literária, significando agora o manancial de estudos e (re)edições a que vamos assis-

patente um conjunto de obras do pintor Quim Bica sobre Fernando Pessoa.

• ÁTICA EDITORA — esta casa tão ligada ao poeta, também se junta às comemorações com o livro «Fernando Pessoa, empregado de escritório», de João Rui de Sousa, com lançamento de prestígio (no passado dia 27) no Café Marinho da Arcada.

• III CONGRESSO PESSOA-NO — durante este congresso terão lugar duas sessões de lançamento dos livros (já citados) de A. Tabuchi e de Maria José Lancastre.

quase sempre de pequenas dimensões, podiam confundir os menos avisados por parecerem ilustrações. Porém, o território que estruturavam era o de um «quadro». E nele a realidade «miragem» que Pessoa parecia ser para Mário Botas se enraizou com o requinte de traço e a subtilidade de coloração que tornam qualquer trabalho deste artista inconfundível.

Chegou a ser apresentada na Casa de Ramalhe, no Porto (hoje Museu Nacional da Literatura), uma exposição que contava com a colaboração do Centro de Estudos Pessoaanos, onde se mostrava uma pesquisa do artista. Vívências que ele fazia reportar a um convívio idealizado e onde a comunidade intelectual que foi a de Fernando Pessoa (com destaque para o vulto incontestado de Marlo de Sá Carneiro) era reconstituída como se se contasse uma história.

Qualquer destes três casos aqui focados merecia uma reflexão mais desenvolvida. Cada um deles, a seu modo, simboliza a diferença e identidade que o fascínio pessoano exerce. A ele também não são indiferentes pintores como Júlio Pomar.

De algum modo, todas estas maneiras de assumir Fernando Pessoa nos devolvem a perplexidade de uma afirmação do semi-heterónimo Bernardo Soares, o autor do «Livro do desassossego»:

«Estou hoje lucido como se não existisse. Meu pensamento é em claro como um esqueleto, sem os traços carnis da ilusão de exprimir».

Rostos transfigurados, esqueletos maquiados, traços sem carne, estas representações de Pessoa são imagens que perduram na ficção da Pintura.

As suas pinturas/desenhos.